

DF - Meio Ambiente

Situação de riacho se agrava

Com a forte chuva de domingo no local, óleo acumulado em plantas e às margens de córrego na área rural do Gama escoou para a água

» MARA PULJIZ

A forte chuva do último domingo carregou mais óleo para o Córrego Engenho das Lajes, afluente do Rio Corumbá. O produto tóxico estava acumulado nas folhas das plantas e às margens do riacho, na área rural do Gama. "Não ocorreu um novo derramamento. A vegetação reteve muito óleo e a correnteza fez ele descer e se concentrar nas barreiras de contenção. O aumento do produto na água deu a impressão de um novo acidente", explicou o coordenador de atendimento a emergências ambientais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Marcelo Amorim.

O derramamento de óleo no córrego ocorreu na terça-feira da semana passada. O material identificado como **CM 30**, parecido com piche, seria proveniente de uma obra de pavimentação na BR-060, pista que liga Brasília a Águas Lindas (GO). A empreiteira Premenge foi multada em R\$ 101.790 por causa do vazamento estimado em 20% dos 6 mil litros do óleo. Ontem, cerca de 30 homens de uma empresa contratada pela empreiteira faziam o serviço de retirada da substância e dos galhos contaminados. Com a chuva de domingo, as mantas de contenção precisaram ser trocadas por terem ficado completamente encharcadas com o produto.

Segundo o advogado da empreiteira responsável pelo derramamento do óleo, Leo Rocha Miranda, a previsão é de que no máximo em 10 dias o local esteja limpo, mas em caso de imprevisto uma equipe de profissionais da empresa contratada Alpina Biggs estará à disposição. "É uma empresa altamente especializada em vazamentos de



Volume de água levada diariamente por caminhões-pipa para abastecer a comunidade de 5 mil pessoas do Núcleo Rural Engenho das Lajes

Tóxico

O CM 30 é um óleo impermeabilizante altamente tóxico derivado do petróleo. Ele é utilizado no processo de pavimentação do solo que serve como uma espécie de cola entre a terra e o asfalto. A diarreia é o primeiro sintoma para quem consome peixe ou água contaminados com essa substância.

produtos químicos e a equipe vai ficar lá enquanto for necessário. Se precisar de um helicóptero para fazer o serviço de limpeza do córrego, a empresa paga", garantiu Miranda.

Desde quando ocorreu o acidente, cerca de 30 grandes sacolas específicas para guardar resíduos químicos foram retiradas da água, segundo o técnico do Ibama Marcelo Amorim. Cada sacola tem capacidade para armazenar até mil quilos que, neste caso, incluem óleo, vegetação conta-

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Homens trabalham na retirada de óleo do Córrego Engenho das Lajes: mantas de contenção ficaram encharcadas com o produto

minada e todo material utilizado para retirada do CM 30 do ribeirão. Tudo deverá ser incinerado. "É difícil mensurar o quanto escoou na água e o dano à flora e à fauna. Um animal que beber desse líquido pode ter um problema a longo prazo. Ainda não constatamos a morte de nenhum, mas pode ser que os prejuízos à fauna venham no fim do processo", disse Amorim.

Água garantida

Enquanto a água não volta a ficar limpa, a Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) garante o abastecimento

à população por meio de caminhões-pipa. Por causa do vazamento, cerca de cinco mil moradores do Núcleo Rural Engenho das Lajes, no Gama, tiveram o fornecimento de água prejudicado. Desde então, a alternativa tem sido o abastecimento do reservatório de tratamento local por meio de caminhões-pipa que trazem água de Samambaia. Por dia, são gastos aproximadamente 20 caminhões com 10 mil litros cada, o equivalente a 200 mil litros diariamente.

A situação tem preocupado os moradores da região. "Deus me livre de faltar água de novo. Sem água, a gente não faz nada", disse

a aposentada Alicé Luciana da Conceição, 74 anos. Ela divide espaço em uma casa sem reboco e de poucos cômodos com 11 pessoas, entre filhos e netos. "Faltou água só na semana passada, mas agora está normal", explicou a neta Alessandra Conceição, 16. Por precaução, a família armazena a água que chega em grandes galões e baldes. Outra que está apreensiva é a comerciante Genéri Dias Miranda, 43. Dona de uma lanchonete em Engenho das Lajes, ela prefere comprar água para preparar os lanches. "Tenho duas caixas com mil litros cada, mas por um bom tempo vou ter de comprar água porque a gente não

sabe a procedência dessa que está chegando para a gente", disse.

Para garantir a limpeza de todo o ribeirão, técnicos do Ibama, da Defesa Civil, do Instituto Brasília Ambiental (Ibama) e do Corpo de Bombeiros acompanham diariamente os trabalhos no local. Segundo o analista de meio ambiente do Ibama, Antônio Adriano Bandeira, o óleo derramado deverá ser retirado de plantas, das pedras e das margens do córrego. A limpeza vem sendo feita com esponjas específicas para a finalidade. "Depois disso, a Caesb fará uma análise para verificar se a água está em condições de uso", explicou.